

Sarney crê no diálogo com os EUA

Punta del Este — O presidente José Sarney fez ontem balanço positivo dos três dias da reunião do Grupo dos Oito e previu que a partir de agora os sete países que o compõem (Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, México, Venezuela e Uruguai — o Panamá está temporariamente, afastado) terão um novo tipo de relacionamento com o governo dos Estados Unidos. “Os Estados Unidos demonstraram disposição de dialogar com o grupo: antes a posição era a de encará-lo como grupo de confrontação”, observou Sarney em entrevista à agência de notícias de televisão **Visnews**, na Inglaterra.

Sobre o relacionamento bilateral Brasil-EUA, Sarney admitiu que existem tensões, mas frisou que o governo brasileiro não quer transformar num “debate emocional” as relações com os norte-americanos. Ele recordou que os Estados Unidos são um “velho amigo” do Brasil, mas lamentou a adoção de sanções comerciais contra o País. “Quando se faz retaliação, usando a linguagem da prepotência, podemos dizer assim, esgota-se a diplomacia”, assinalou o presidente.

A seguir, a íntegra da entrevista:

Como o senhor vê o relacionamento da América Latina com os Estados Unidos depois desta reunião de Punta del Este?

Sarney: Penso que vamos ter um novo tipo de relacionamento

com os Estados Unidos depois da reunião, uma vez que a posição dos Estados Unidos à respeito do Grupo dos Oito era encará-lo como um grupo de confrontação. Agora, mudou. Os Estados Unidos demonstraram a disposição de ter um diálogo com os Oito. E nesta reunião, na declaração, temos um capítulo que fala de nossas relações e da necessidade de diálogo mais profundo com os países industrializados. E há uma preferência para esse diálogo com os Estados Unidos. Penso que isso começará imediatamente depois das eleições norte-americanas.

Quer dizer que as eleições serão decisivas para qualquer negociação a respeito da dívida?

Eu não quero fazer nenhum juízo de valor, apenas constatar a realidade. Vai haver uma eleição e temos que falar com o futuro presidente, uma vez que o presidente Reagan tem somente mais dois meses de mandato.

Em que especificamente o senhor crê que o FMI e o Banco Mundial podem colaborar para a renegociação da dívida com o grupo?

Mudaram as posições muito rígidas que tinham os organismos internacionais, uma vez que se julgava que a dívida era somente um problema financeiro, de contabilidade. Porém, nós sempre defendemos a tese de que a dívida tem um aspecto financeiro. Agora, temos

que explorar esse aspecto político. Fizemos um grupo que se chamará, naturalmente, “Clube do Rio de Janeiro”, com os ministros da Fazenda de nossos países, com a finalidade de fazer uma proposição dos países da América Latina sobre uma solução integrada do problema da dívida, principalmente com a diretiva de que a solução definitiva do problema passa sem dúvida pela diminuição do estoque da dívida.

Como vai ser reduzida a dívida externa?

É uma posição nova. Vemos a proposta Mitterrand de diminuição do montante da dívida. Há a posição dos japoneses e também do presidente do FMI, na reunião de Berlim. Enfim, temos muitas idéias, mas não há uma idéia que seja da América Latina. Então, esse grupo vai formular uma solução que seja apresentada por nossos países da América Latina, de maneira unitária, sem fragmentação de posições.

Essa concertação vai ser unilateral?

Não. Vai ser uma fórmula para a negociação, para o diálogo.

Os senhores falam muito em unidade, mas nos últimos tempos Brasil, Argentina, México e Venezuela negociaram suas dívidas de forma diferente. Não há uma contradição?

Não. Há uma unidade dentro da diversidade. Cada país tem uma característica própria para fazer sua negociação financeira. Deve-

mos ter uma posição comum para tratar a dívida, sob o aspecto político.

As relações Brasil-Estados Unidos têm sido um pouco difíceis ultimamente. É o caso da química fina e informática. Qual a sua idéia de relacionamento bilateral de comércio neste momento?

Nossas relações de comércio com os Estados Unidos têm algumas tensões, mas isso não explica essa posição radicalizada dos EUA. Nós não estamos dispostos a transformar num debate emocional nossas relações com os Estados Unidos. É um velho parceiro, somos velhos amigos, é o país que primeiro reconheceu nossa independência. Por isso, não entendemos essa tendência de radicalização de suas relações com o Brasil. Sobre esses assuntos, nós temos a consciência de que estamos agindo de acordo com nossos interesses, mas também dentro da ordem internacional e dos tratados firmados pela diplomacia. E quando se faz retaliação, usando a linguagem da prepotência, podemos dizer assim, esgota-se a diplomacia. Então, queremos dialogar e encontrar soluções, e não a confrontação. Quando as patentes, por exemplo, a indústria farmacêutica brasileira tem 80% de companhias estrangeiras, norte-americanas e européias, é quase totalmente um mercado estrangeiro. Então, não há por que dizer que estamos fazendo uma discriminação.